

AO REDOR DO BAOBÁ: ANOTAÇÕES SOBRE MEMÓRIA E CURRÍCULO NA ROTEIRIZAÇÃO DE UMA IMAGEM (IN)VIZIBILIZADA¹

Rui Gomes de Mattos de Mesquita*

Recebido em: 05 set. 2013 Aprovado em: 18 nov. 2013

* Doutor em sociologia. Professor Adjunto II do Departamento de Fundamentos Sócio Filosóficos da Educação – Centro de Educação – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, Pernambuco - Brasil. E-mail: gomesdemattosdemesquita.rui@gmail.com



Resumo: O presente texto tem como objetivo primeiro proceder a um esforço inicial de roteirização de um documentário sobre narrativas em torno do baobá em Recife/PE. Construímos, para tanto, em diálogo com as próprias narrativas colhidas no âmbito de uma pesquisa sobre o tema, o conceito de *circularidade acolhedora*; imagem que remete a valores fundantes da cultura e ancestralidade africanas. Sensibilizado, principalmente, pelas teorias de Ernesto Laclau e Paul Ricoeur, procuro delinear, enquanto teço a roteirização do documentário, os elementos constitutivos de um currículo centrado na ação e aprendizagem narrativas. A ausência de fundamento do social, o que remete a uma ontologia do político, nos dá o mote para promover uma analogia entre o caráter aberto da história e do currículo. Mais do que formar indivíduos, classe ou quaisquer outras subjetividades naturalizadas, aponto para uma ação educativa capaz de, através do ajuntamento de histórias, construir espaços férteis aos processos contra-hegemônicos de subjetivação.

Palavras-chave: Documentário. Narrativa. Currículo.

¹ Agradeço a Gustavo Oliveira e Janayna Cavalcante pela leitura e comentários sobre o texto.

AROUND THE MONKEY-BREAD TREE: NOTES ON MEMORY AND CURRICULUM IN THE SCRIPTING OF A NOT-VISUALIZED IMAGE

Abstract: This text aims firstly to deal with an initial effort to script a documentary on narratives around the monkey-bread tree in Recife/PE. We have built, for that, in dialog with the own narratives collected during a research on this theme, the concept of *sheltering circularity*; image related to founding values of African culture and ancestry. Touched by Ernesto Laclau and Paul Ricoeur theories, I have tried to delineate, while entwining the documentary script, the constitutive elements of a curriculum centered on narrative action and learning. The privation of a social foundation, which relates to ontology of the polity, gives us the heraldic motto to promote an analogy between the open dimension of history and curriculum. More than to form individuals, class or whatever other naturalized subjectivity; I have considered an educative action able to, through a compiling of histories, to build fertile spaces to counter-hegemonic processes of subjectivizing.

Key words: Documentary. Narrative. Curriculum.

No momento em que inicio o presente texto, tenho em mente a imagem de um baobá (no canteiro de entrada da UFPE) girando em torno de si próprio, ou, alternativamente, na sequência do girar, com fundo musical ou efeito sonoro aconchegante, pode-se ter também a sensação de que ele está fixo; é o mundo circunvizinho quem, desta feita, o rodeia e acolhe. Esse é, num primeiro esforço de roteirização, o conceito que tentamos imprimir – eu e Emeline, bolsista Pibic da pesquisa “O Baobá e a Escola: elementos para uma proposição curricular centrada na ação narrativa” – ao documentário sobre as narrativas em torno do baobá em Recife: **o sentido de circularidade acolhedora**. As narrativas que temos colhido, com efeito, não andam em linha reta, começando no início e terminando no fim. Impossíveis de serem tolhidas na História, elas, indisciplinadas, circulam pela cidade interconectando tempos e territórios marginais; implicando desejos e responsabilizando vidas vegetais e humanas, que se põem a agir sem a urgência típica daqueles que não aprenderam a respirar a morte. Nessa teia informe de conexões, o baobá verte, desde seu tronco, uma seiva de memória que acolhe e delicia indivíduos por ele escolhidos. Estes, transmutados em ser coletivo – os amigos do baobá –, flertam com um mundo ainda ausente, que procura resistir à fumaça da cidade, à aridez das instituições, à intolerância, à invisibilidade e aos perigos maliciosos da inclusão.

O círculo acolhedor que a imagem lírica acima referida tenta expressar como presença de uma ausência, o conceito do documentário, mais que mera metáfora que verte nosso olhar a um mundo dado, “realidade” que eu e Emeline nos pomos a investigar, é um mundo inventado: a um

tempo pressentido e projetado; um mito (LACLAU, 2000). A pesquisa parte de uma percepção sensorial e espiritual – um desejo coletivo de **aconchego** – para ganhar contornos políticos (no sentido laclauniano de uma ontologia do político e não da política como esfera do social). Daí que sua intencionalidade não é meramente explicativa, é nutritiva. Nutrir de mundo aquelas narrativas (o que foge ao velho clichê do “retorno aos pesquisados”) é uma **ação educativa** abridora do mundo. Para ganhar factibilidade, demanda: implicação integral, zelo e imaginação. Na medida de nossa dedicação existencial à pesquisa – com o cuidado artesanal assinalado por Wright Mills (2009) – tornamo-nos capazes de, ao sorver em deleite a seiva do baobá, ir abrindo e reconhecendo um mundo intuído que se visibiliza no ato do trânsito, de compreender as conexões que ele já opera e que podem o constituir. Só assim podemos dar vida à imagem metafórica, comunicando-a (sintagmaticamente), para além do momento lírico captado², como conceito que é abertura de porta para um mundo inconcluso, ambíguo, demandante de cuidado. Não representa tal mundo nem tampouco nos representa. Possibilita o contato – lócus e objetivo expresso de uma metodologia narrativa.

Não podemos dizer que representa o mundo ao redor do baobá porque ao adentrá-lo, certamente – em suas ruelas **underground**, adensamentos de copas de árvores diversas que se insinuam no meio urbano, córregos translúcidos anunciando histórias em pedras arredondadas pelo tempo, angústias incontidas, festas, encontros e intrigas, territórios guardados por orixás, sonhos –, teremos, para relatar (expressar) o que vive(re)mos, que recorrer a outras imagens (ou outras imagens de outras histórias serão atraídas pela imagem vizibilizada do baobá), de maneira que a sobreposição-contiguidade à metáfora primeira, “originária” (o momento lírico), faria expiar seu prazo de validade expressiva. Ela só ganha sentido, metonimicamente, na trama, na ordenação narrativa das memórias (LACLAU, 2011; RICOUER, 2012). É o trânsito da trama que mantém a metáfora viva: há coragem no abandonar (estratégico) para prosseguir, de maneira que a “origem”, a seiva como promessa primeira, perdendo centralidade, não pode ser convertida no

² Esse contraste entre o lírico (momento metafórico e paradigmático) e o narrativo (momento metonímico e sintagmático) está intimamente relacionado, na teoria do discurso de Ernesto Laclau, respectivamente, às lógicas da diferença e da equivalência, que conformam muito do que está aqui formulado e intuído. Pode-se encontrar essa discussão do capítulo “Articulação e os limites da metáfora” em *Emancipação e Diferença*, do mesmo autor (tradução de A. C. Lopes e E. Macedo). Agradecemos ao professor Ernesto Laclau pela dica de ler o artigo com o objetivo de promover articulações entre educação e narrativa.

enfim sempre tão desejado. História aberta, roteiro aberto. O conceito imagem, não podendo iluminar de cabo a rabo nossa narrativa sobre as narrativas **ao redor** do baobá – o seu mundo a nutrir e inventar –, não alça vôos perenes nas altitudes da abstração. Despretensioso, prefere repousar num pé de pau, se imiscuir nas tramas cotidianas, como pistas esparsas para possíveis propósitos insondáveis. A abertura do roteiro é como um princípio que conforma a metáfora primeira do documentário, um ajuntamento de histórias através do qual nos tornamos escolhidos, fortalecidos, dignos de amizade. A porta se abre e com ela a responsabilidade das decisões: não existe percurso prévio a se percorrer. Currículo aberto; de risco.

Não podemos dizer que nos representa porque, como disse alhures Leonardo Boff, pensamos de acordo com o chão que pisa nossos pés. E um mundo suspenso, ambíguo, marginal, a se construir possui chãos inauditos. Para pisar nestes, como condição de viagem, precisamos abandonar o ônus da prova, que nos atém ao mundo da factualidade, da hegemonia, que fixa nossa identidade e maneira de estar no mundo. A imaginação é o combustível político que nos possibilita auscultar territórios indizíveis à “ciência” e, numa vertigem conectiva de imagens, criar chãos firmes em terras oníricas. Pensando com a cabeça de quem aí pisa(rá), nosso compromisso com a abertura do roteiro é habitado pela ancestralidade (morte; espectro; fantasmas a se despertarem), que nos faz perceber, nutrir e investir na interconexão de tempos e lugares longínquos no aqui-agora. Uma vez que penetramos aquela porta aberta, nos tornamos um ponto móvel de ajuntamento de histórias; nossos lábios se descolaram da seiva sorvida como memória. Ao voltar dessa viagem que se vai roteirizando a si mesma no percurso de suas tramas inventadas, não voltaremos. Outro Rui e Emeline, cheios de morte, procurarão chão para pisar na História dos homens. O currículo narrativo tem que ir construindo o mundo projetado que descreve (MAINGUENEAU, 1997).

A vida se nos imporá com suas paradas de ônibus, suas tabelas de horário que modulam os enredos das querelas cotidianas, suas redes em torno do álcool, suas intrigas na política, na polícia, suas procissões de carro, suas manhãs apressadas. Esse chão se nos apresentará inautêntico e inevitável (HEIDEGGER, 1999). Sua razão então não nos parecerá razoável e nossa luta, cuja materialidade primeira é a construção de um documentário, intencionará construir outras inteligibilidades (hegemonias) no aqui-agora como chão a se pisar. O mundo inicialmente imaginado do baobá nesse ínterim não será igualmente o mesmo. Sua capacidade de gerar

metáforas será nossa salvaguarda sempre precária. O fogo a preservar. Para comunicar nossa experiência estética teremos que rasgar a fórceps a factualidade do mundo dos homens. Abrir outras inteligibilidades nesse mundo saturado de hegemonia (WILLIAMS, 1977), profanar suas instituições (AGAMBEN, 2009), construir relações que, alimentando-se de chaves metafóricas, nos possibilitam o direito ao narrar nossas próprias tramas. Tramas que não cabem na História porque insistem na presença ameaçadora de uma ausência, que, excedendo o mundo, lhes é marginal. Tramas espectrais que adentram os portões das florestas, guardadas por orixás que inspiram medo e horror ao mundo dos brancos (FANON, 2008). Essas tramas, exaladas do tronco do baobá, põem-se em movimento como memórias malandras que fazem arrepiar. Tomando-as como currículo de risco (um percurso de indecibilidade) é que podemos prosseguir na tarefa de ir vencendo as metáforas vencidas pelo uso. Ir-nos, assim, trans-formando.

Essa interconexão de tramas e metáforas requer então a percepção de que narrar é agir sobre um mundo hegemônico não de todo saturado (MESQUITA, 2011). O documentário vai se desenvolvendo na realização dessa viagem de ida/abertura/construção de um mundo ao redor do baobá e de retorno inevitável, como poder que atua desde as margens, rondando como espectro o mundo dos homens – tentativa de rasgar-lhe as fibras da memória para abrir a história. Como símbolo que flutua, ajuntando vontades difusas, essa árvore de origem africana que nos observa há séculos é capaz de parir uma história que faz emergir/agregar sujeitos invisibilizados. O currículo narrativo se propõe a ser esse lastro de ajuntamento. Promete mas não aponta caminho. O que podem dizer, fazer, experimentar, realizar insinuar, imaginar os amigos do baobá (ou amigos de qualquer outras analogia capaz de interpelar “nossos” estudantes)? Essa é uma possibilidade estratégica que não nos cabe, a mim e Emeline, como educadores representantes, no documentário, da voz over (de Deus?), resolver. Nossa ação educativa, descolada da pretensão idealista de explicar o telos de uma “ontologia” (aquela que encarnaria, para além de qualquer ambiguidade, o espírito especular do tempo que se desdobra sobre si mesmo), “apenas” se propõe a tornar pública uma imagem metafórica marginal, potencialmente capaz de gerar telos alternativos em torno dos quais podem se organizar maneiras distintas de pisar no mundo. Não é mais o mundo circunvizinho que gira em torno do baobá; é desta feita o baobá-espectro quem, ambíguo, transformado em mundo trajeto, retorna e se oferece como alma/corpo (LACLAU, 2011, p. 107-128) a tantas histórias perdidas, deslocadas do tempo.

O documentário então deve iniciar com o contraste entre o **círculo acolhedor** e o mundo de fato como forma de anunciar a presença mítica de uma ausência. Mostra-se uma sequência de fotografias dos baobás pernambucanos como registro despretenso do cotidiano: carros e pessoas circulam em um nível de consciência alheio à presença do baobá; som de rua ao fundo. Sobrepõem-se a tais fotos, em momentos que se intercalam em velocidade progressiva, cenas do cotidiano recifense (sem baobá). A câmara então focaliza no baobá na entrada da UFPE e suspende-se o som ambiente. Esse duplo movimento deve gerar um efeito de suspensão da imagem, que se destaca do fundo e se oferece como símbolo, superfície de inscrição. À imagem metafórica da **circularidade acolhedora** (o baobá girando) soma-se um fundo musical ou efeito sonoro que remete, como momento lírico, à sensação de acolhimento.

Ainda com o baobá girando, o fundo musical (ou efeito sonoro) vai caindo (*fading*) e emergem vozes anônimas de amigos do baobá (sem que estes se mostrem), que remetem aos diversos sentidos de seus encontros com a árvore africana:

Eu sou apaixonada pelo baobá, uma paixão que faz muitos anos... Eu freqüentava ali em frente ao cemitério de Santo Amaro, na década de 1980... Tinha uma sementeira... E entre as plantas ornamentais existia uma árvore muito grande... Quando eu fui ao Senegal, de volta, querendo terminar meu exílio, passeando aos arredores de Dakar, eu via muito daquela planta, mesma planta que eu via aqui na Praça da Saudade, que é de frente ao cemitério, e pouco a pouco eu fui percebendo a relação das pessoas com aquela árvore... A partir daí mudou a minha relação com aquele baobá em frente ao cemitério (Inaldete Pinheiro, Escritora)

O baobá sempre esteve nessa memória mítica... a memória mítica sempre passa a existir a partir da minha realidade religiosa... E uma das primeiras coisas que eu fiz quando cheguei a Pernambuco foi fazer uma rota dos baobás da Mata Norte (Denise Botelho, Professora)

Eu fui impactada... Então eu senti todo o processo da aula ao inverso... E o professor tinha colocado isso, que às vezes esse processo curativo, ele está num encontro que não precisa ser com o humano (Ana Virgínia, Terapeuta)

Fiquei gostando da planta / desde quando a conheci / na cidade do Recife / da primeira vez que a vi / numa praça bem charmosa / e talvez a mais famosa / das que temos por aqui / muita gente tem pensado / em busca de explicação / como a semente da planta / aportou em nosso chão (Ernando Carvalho, Cordelista)

E tem de fato essa coisa dos galhos, né, das raízes... A gente se representa; se vê representado nesse universo, nessa simbologia dessa árvore tão sagrada (Mãe Bete de Oxum, Ialorixá)

Pra mim tem toda essa conotação de uma religião com a terra, com a natureza, com o mundo espiritual inclusive (Caio Fábio, ator)

O baobá é uma árvore, que é chamada a árvore mãe porque dele tudo se aproveita: ele alimenta, ele abriga, ele acolhe a todos... Os galhos dele representam os braços abertos para acolher (Célia Baobá, Professora)

Dessa profusão de encontros pretendemos gerar a percepção de uma abertura de mundo a partir da imagem de um baobá criança, que inspira cuidado e carinho (o mundo a se nutrir). Surge a cena de um rito religioso para transplante de um pequeno baobá no oitão do Museu da Abolição em Recife. Aqui se registram por um instante, em som ambiente, os cantos percussivos do candomblé ao redor de um pequeno baobá. Ao meio caminho suspende-se o som como forma de explorar imagens de um mundo onírico. A câmara focaliza pés pisando no chão. A terra molhada. Feições ao cantar. Movimentos de mão. O vento balançando folhas. A cena remete à magia e convida à imaginação. Um mundo a se nutrir.

Ao fundo, em segundo plano, entrever-se uma mulher negra, grávida, com vestido vermelho, zigzagueando lentamente no jardim. Ouvimos sua voz, mas não vemos seus lábios:

Axé!

Se cheguem espíritos, homens, animais e plantas

Olorum consagrou o baobá sagrado

Expandam suas consciências, deem de lado suas canetas

Orum está bem aqui

Pare e sinta-se no Orum

Na linha do horizonte, onde nos unimos a Ayê,

formamos um mundo pleno,

religado,

presente, futuro, passado.

Aparecem então alguns depoimentos que aprofundam o momento de encontro com o baobá e, ao darem pistas sobre características desse mundo, põem-se a narrá-lo lhe dando lentamente forma e movimento; recorrendo a outras imagens que vão se conectando (amor maternal; ajuntamento de gente; ascensão para o céu; integração natureza, homem e Deus, etc.). O início de uma trama que se desenvolve, como ajuntamento de histórias, a partir das interpelações aos amigos do baobá. Entre os depoimentos aparecem cenas coletivas dos amigos do baobá e fundo musical que remete à noção de saída de um estado de inércia e entrada gradual em movimento (representando, possivelmente, os movimentos tectônicos de construção de um mundo). Isto se dá num percurso que vai do encanto à responsabilidade (cuidado, carinho, investimento na espiritualidade). A imagem de um baobá criança aparece de forma breve e intercalada ao longo desses depoimentos.

E aquele toque de sentimento que houve no encontro foi a forma de comunicação que houve entre nós. E foi uma forma muito intensa e forte... Nunca tinha acontecido isso... Consciente e que causasse um encontro assim... De uma felicidade imensa num encontro assim, eu não tinha vivido, não me lembro, talvez quando meus filhos tivessem nascido (Ana Virgínia).

E a gente conversava muito a respeito das visualizações da gente... Tanto que o baobá tem a coisa da aglutinação também... Depois eu fiquei sabendo que por trás do baobá geralmente tem um grupo de pessoas que o cultivou, que deu apoio físico para que ele se desenvolvesse e tal... E isso me encantou mais ainda... Ele está na minha propriedade, mas não está tão perto de mim... Eu preciso parar e ir lá ver, e, será que ele está bem? Está precisando de alguma coisa? Apesar de ter uns dois anos, não, acho que ele deve ter uns quatro, mas ainda é um bebê! (Caio Fábio)

Então, por exemplo, é fácil a gente ir para baixo de uma árvore, ainda que não seja um baobá, mas seja algo que faça esse processo de ligação com a terra com ascensão para o céu... Eu acho que é um símbolo bastante interessante também, do baobá na minha vida... O quanto que a gente está aqui enraizado, mas que a gente sempre tem uma possibilidade de ascensão, que é uma ascensão vertical, uma ascensão de conquista mesmo, mas não necessariamente nesse modelo individualista, competitivo, não precisa ser assim (Denise Botelho).

E a natureza, os orixás, a natureza é a morada dos orixás. Assim... E se materializa no fogo, na água, na terra. Então a natureza, ela nos remete à essência, à materialização dos orixás... E as árvores principalmente, a gente tem Ossain, que são as folhas, a gente tem o Oxossi, que é o caçador, no sentido de proteger a mata, ou seja, a gente tem toda uma simbologia da coisa mesmo da árvore, das folhas, da terra... E a gente tem tudo isso

como sagrado; não tem essa relação: aqui tá a natureza, a natureza aquela coisa distante, aqui tá o homem e aqui tá Deus. Tá tudo integrado, o orixá ele mora no Ori, mas ele se materializa na natureza... Cada Orixá tem a sua folha, sem folha não existe Orixá. (Mãe Bete de Oxum)

Essas histórias, prenes de ancestralidade, como fantasmas despertos que assombram a matriz ocidental de nossa sociedade e a maneira platônica (apartada da vida) de abordar o conhecimento – que conforma nossas escolas (KOHAN, 2008; LARROSA, 2010), são vizibilizadas no documentário. Ajuntando-se, entretanto, num mundo espectral, parcialmente encarnado num corpo ambíguo, as narrativas em torno do baobá transitam no limite entre a liberdade de haver se desvencilhado do ônus da prova e a responsabilidade que daí advém: a inexistência de um script a seguir carrega as tintas da escolha. A ancestralidade, como morte desperta, tem que viver no presente – rondá-lo – pela ação dos amigos do baobá. Os espaços hegemônicos, nesse contexto, são opressivos, gargalos que nos acorrentam, impedindo nossa “expressão” (que para acontecer nos transforma na medida em que se movimenta na edificação de outros chãos a se pisar).

A mulher de vermelho anuncia a presença da morte em nosso cotidiano entre as muralhas da ruína do **Nascedoro de Peixinhos** (divisa entre Olinda e Recife) e conclama os amigos do baobá à luta:

*Já estou enjoado
De viver nessas terras
Entre margens opressoras
A capoeira anuncia,
Ganga Zumba vai ressoar,
Da Serra da Barriga:
Viva meu mestre, viva Zumbi, Camará
Pastinha, mestre, me ensina
Ensina a rodar
Pelo tempo da morte
(No pé da Jurema, Ôh, Juremá)*

*Nessa vida amarga
Não podemos mais apanhar
Leva-me para a África
No tronco dum baobá
Vou correr para mostrar
Capoeira do Brasil
Berimbau na mão
É música, é instrumento de lutar*

Aparecem então depoimentos que remetem à presença da metáfora circular em articulação com as lutas e cultura do povo negro em várias frentes e dimensões e os desdobramentos dessa ancestralidade (morte), como espectro de uma nação construída sob a insígnia do embranquecimento (BOTO, 2010), nas ações dos amigos do baobá. O círculo converte-se em trajetória fantasmática que presentifica a ancestralidade:

Então, por exemplo, numa lógica africana, se você for ver as manifestações culturais oriundas desse segmento como o candomblé, que tem o Xirê, o Xirê na verdade é uma brincadeira, ele se dá de forma circular; se você for pensar na capoeira, que ainda que seja uma criação afro-brasileira, mas com fundamentos significativos no continente africano, também se dá na forma circular... Então pra mim essas questões remetem muito em torno do princípio de você estar em torno dessa árvore tão poderosa, tão secular, que é o baobá (Denise Botelho).

Eu juntei as pessoas, os e-mails, e a gente tirou algumas fotos e aí na mesma noite, quando eu cheguei, a gente colocou essas fotos: a gente andando sobre as raízes dele, sabe, andando assim – é um paredão vegetal; aí eu... Coloquei minha caixa quase toda de e-mail e coloquei que havia um ser que estava precisando de cuidado e que ele tinha me escolhido para fazer esse encontro... Essa fala, esse pedido de socorro aí... Então dentro desses e-mails havia uma pessoa que estudava há muitos anos o baobá e que faz um turismo com os baobás de Pernambuco... Fernando Batista. Ele me colocou em contato com um professor de uma universidade americana que estuda esses baobás pelo mundo e Recife como sendo a capital, fora da África, com mais baobás (Ana Virgínia).

A coisa da terra, que a gente ficou sem a terra, né? Você vê os terreiros cada vez menores, muitas vezes a casa e aí sobe os terreiros, num... É nossa mãe terra, né? E a nossa avó, Nanã, que mora ali... Que nos deu a vida, fomos moldados no barro, Nanã nos deu a vida por isso que quando a gente volta... Nesse caminho de volta, a gente vai pra

terra, porque a gente vai pros braços de nana de novo... E é a terra que recebe o baobá, e tem que ter terra, porque o bicho é grande, né? E a gente não tem mais terra e aí? E sem terra a gente não tem nada, a gente não tem identidade, a gente não tem alimento, a gente não tem axé... O baobá remete à terra, e, essencialmente, à terra, o baobá nos remete à nossa mãe terra, é a terra que recebe a ancestralidade e tá ali: mil, dois mil, três mil anos, dez mil anos, tá ali, tem que ter a terra para segurar, se não tiver a gente tem que assegurar (Mãe Bete de Oxum).

O baobá, ele tem o lado místico, quer dizer, o lado religioso, principalmente das religiões de matriz africana, o candomblé, e os terreiros sempre plantam um baobá, que é uma árvore que tem um significado muito grande porque no tronco dele quem mora é o orixá Iroko, que também é conhecido na nação angola como o tempo, e não é só ele, tem também a proteção de Nanã e Omolú, mas o Iroko fica aqui, inclusive as pessoas fazem pedidos... Então os terreiros que têm mais espaço geralmente eles plantam um baobá e reverenciam, porque é sagrado para eles e tem um significado muito grande, representa também a ancestralidade... Então veja: os pedidos, que, segundo eles falam, vai pelas raízes do baobá, o orixá recebe e procura ajudar, pra confortar; tem gente que pede até para engravidar (Célia Baobá).

Novamente temos a aparição de cenas do cotidiano do Recife, que remetem à aridez das instituições e vida contemporânea: ônibus lotados, filas em locais públicos, carros de polícia, passeatas, etc.. Intercalam-se fotos de baobá. Os trechos de entrevista que se seguem remontam à emergência de sujeitos invisibilizados como narradores de suas próprias tramas e tradições – direta ou indiretamente amigos do baobá. Esse movimento corresponde a uma necessidade (trajeto) de retorno ao mundo dos homens e à inevitável tensão com as lógicas sociais hegemônicas (sedimentadas): os desejos e necessidades são mobilizados para além do cuidado: casamento, axé, reforma agrária, matriz civilizacional africana. Nutrido, um mundo ausente, habitado por pessoas cujas experiências lhes foram impactantes, precisa de chão para pisar e lastro humano para proceder a seu trajeto: construir(-nos), no presente, o mundo que se descreve.

Diz que o Criador, a primeira árvore que criou foi o baobá. Então Ele criou o baobá e depois foi criar as outras árvores. E o baobá ficava atrás dele: “mas aquela ali é mais bonita, Olha como eu estou gorda, não pode ser. Ah, não dá, minhas folhas, aquela ali é mais bonita”. E o tempo todo falando. Aí o Criador olhou para ele e disse: “Olhe, você está falando muito. Você é bonito também”. (E o baobá) “Não, sou não, não pode”. Aí, segundo a lenda, pegou ele e virou de cabeça para baixo. Tanto é que quando caem as folhas e têm fotos de baobás africanos, que parece que é a árvore que está plantada de

cabeça para baixo... Que você sabe que o povo africano usa muito a oralidade. Tem os contadores de história que são muito importantes, porque já vai passando, a criança, que já vai passando... É muito importante essa coisa da oralidade e um povo que faz isso também são os povos indígenas, a gente sabe (Célia Baobá).

O baobá de certa forma, ele representa na verdade uma mudança... O fato de eu ter escolhido outro tipo de vida. O fato de ter buscado estar inserido numa outra... Eu não estou no foco; não moro mais no centro, o centro urbano, mas é a possibilidade de estar num contexto mais natural, de uma vida mais ligada à natureza, do resgate de uma vida mais natural, mais simples, mais saudável... E o baobá entra, logo depois que eu chego desse lugar, que é o Sítio União, no mesmo ano que eu vou morar lá, e ele para mim é a presença; marca uma mudança exatamente nesse momento de estar vivendo de outra forma... Eu tive alguns resgates sim com a presença do baobá... É como se ele já existisse, sabe? É como se essa ligação já tivesse sido feita antes mesmo da chegada desse baobá. Sei lá, coisas de outras vidas... (Caio Fábio).

Essa terra que deixou de ser nossa, né? Porque era! A capital, a colônia, todo esse contexto histórico aí que se apropriou das terras de nosso povo. Mas na essência é isso: se a gente não tiver a terra, a gente não tem como caminhar, não tem como produzir... Então a gente precisa ter essa garantia pra gente poder plantar os baobás. Nessa rota dos baobás, nesse projeto, a gente sai plantando baobás em diversos lugares. Diversos quilombos hoje estão com seus baobás assegurados. Diversos terreiros... Pra gente poder estar ali com nossa ancestralidade... É uma rede preta, uma rede de quilombos mesmo; não é uma rede institucional... Talvez por isso que ela deu certo, mas também está muito escondida ainda... Por que também... Esse país está cheio de coisas que a gente não conhece: cheio de coisa escondida que a gente precisa desesconder, tirar essa cortina de fumaça nesse país. A gente tem um coco aqui que tem mais de cem anos; foi dos nossos avós. E o Brasil não conhece (Mãe Bete de Oxum).

Então todo mundo que vem de fora ou que não é de fora e eu pergunto: “você conhece?”. “Não, não conheço”. Então eu vou lá e mostro. Nossa! As pessoas ficam em encantamento. É encantamento. Encantamento. Teve uma colega que não conhecia e que eu levei agora no final do ano. Ela é médica. E é daqui, mas não conhecia. E aí eu levei. Ela ficou tão encantada, tão encantada. Tirou os sapatos, desceu o muro que protege ele. Que já cai na laminha do Capibaribe. Disse que ia fazer o batismo (risos)... E foi até a beira do rio. Ela disse que se sentiu assim, precisando se batizar com aquela experiência (Ana Virgínia).

Há nesses esforços esparsos, ajuntados, uma tentativa de ampliação da experiência que requer espaço de inteligibilidade, lastro para a construção de uma trama, de um trajeto narrativo. A necessidade de “desesconder” as culturas negra e indígena, de apresentar o baobá a pessoas que ainda não o conhecem, de contar suas lendas originárias, de proceder a uma aproximação

experencial com a natureza, aponta para uma inegável dimensão educativa. Essa ação narrativa, marginal, não parte do centro para a periferia. Ao contrário, ronda nossas instituições educativas lhes demandando abertura para outros princípios metodológicos e civilizacionais. Princípios que tornam possível o contato arquetípico com o mundo vegetal; princípios que primam pela vivência antes da teorização; princípios segundo os quais o “professor” é eleito em ato, a depender da circunstância, e não por imposição corporativa, institucional; princípios que estimulam a construção de trajetórias coletivas de vida; que estimulam experimentar formas alternativas de se estar no mundo; à defesa da natureza. Seguem cenas do cotidiano de escolas e universidades que se intercalam com os seguintes depoimentos:

Que foi exatamente o que eu vivi, sem ter esse nome, não é... Mas foi uma relação botânica, arquetípica, porque bateu em todos meus ancestrais... Onde é que aquilo estava reverberando se aquele encontro era ali e eu... A lágrima, né?... O que tinha a ver com aquilo? E, assim, a minha descendência é negra, a família do meu pai é negra... Alguns são do candomblé, mas eu nunca tinha vivido isso, essa [a experiência do candomblé]... Não assim de forma direta... Mas ele me colocou como um ser que estava ali presente, agora fazendo um contato que eu redimia aquele ser que expectava e no meu lugar (ele ficava só como expectador) e eu era a pessoa que ele colocava naquele momento, que podia fazer aquele movimento, de levar... Já que ele em si não poderia fazer isso (Ana Virgínia).

Vivemos numa comunidade que a gente tenta usar, é... Aliar essa correria da vida moderna, de todo muito trabalhar muito, de não ter tempo e tal, mas foram pessoas que optaram por ter um estilo de vida diferente. Às vezes a gente nem consegue, às vezes tem momentos, períodos de nossas vidas que é mais fácil se esconder da gente na nossa própria casa (risos)... Porque é aquela coisa, sai de manhã e chega à noite e tal. Mas somos um grupo de pessoas amigas, que convivem juntas, que lidam com o fato de estarmos numa área maior... Temos um quintal de dois hequitares... Isso de certa forma tem cuidados específicos, a gente precisa... Uma coisa é cuidar de suas quatro paredes e outra coisa é você cuidar de um ambiente maior. E a gente nota que o entorno se modifica... Outros sítios vão se transformando em lote, em loteamento... O verde vai dando lugar a mais residências, mais casas... (Caio Fábio).

E não precisa nem, a gente é que tem mania de teorizar as coisas, mas a primeira vez que eu me vi na frente de um baobá era uma relação de simbiose e uma relação de fortaleza, de um encontro com minha ancestralidade, que eu posso ficar o tempo todo aqui tentando traduzir em palavras, que a única coisa que eu posso de dizer é o seguinte: aquelas pessoas que não tiveram ainda a oportunidade, que busquem um baobá mais próximo e fique um tempo próximo, fique bebendo nessa fonte inesgotável de sabedoria... às vezes a gente teoriza depois vivencia; eu acho que primeiro a gente tem que vivenciar e depois

teorizar... Eu acho que se a gente consegue olhar bem essas experiências afro-brasileiras, a gente vai ganhar muito no projeto educacional (Denise Botelho).

Então é isso: temos que ganhar com a construção de um currículo que não ofereça de antemão um percurso (teórico ou prático), mas que se proponha a ajuntar parcialmente histórias, como chaves metafóricas que abram portas para mundos ambíguos e inconclusos. Essa abertura é como a construção de lastros que possibilitam aos educandos tornar efetivo um trajeto imaginado. Desde esse desejo ajuntado, para pô-lo em movimento, terão que se deparar com tantas lógicas sociais estabilizadas (GLYNOS; HOWARTH, 2007). Terão que empenhar-se na tarefa política do convencimento, o que implica na necessidade de dialogar com o conhecimento sistematizado; os “universais”. Rasgar as fibras da memória para abrir novos mundos demanda um esforço de desconstrução (e, portanto, conhecimento) das escolhas que propiciaram a naturalização do que ora nos oprime.

É exatamente esse deslocamento do factual, a possibilidade de não circunscrever no hegemônico os limites da viabilidade histórica (FREIRE, 1976), que nos presenteia com uma espécie de impulso ético capaz de construir “funções referenciais” criativas e contra-hegemônicas – porque lida com um mundo parcialmente presente/ausente, tal impulso incorpora a imaginação como elemento inextricavelmente constitutivo de uma ação educativa emancipadora. Intuímos aqui que o poder político da retórica e da nomeação, trabalhado por Laclau (2005) como uma “razão populista” desde onde se pode pensar a política, deve ser expandido para a consideração de elementos norteadores não de uma aprendizagem narrativa. Uma boa aprendizagem, nesse contexto, seria aquela que alarga nosso escopo de compreensão e não aquela que pretende apreender o real em sua inteireza.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BOTO, Carlota. O debate político no Brasil dos anos 30: raça e pedagogia na mística da nacionalidade. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 23, p. 63-82, set./dez., 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. **Logics of critical explanation in social and political theory**. London/New York: Routledge, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Martin Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000.

LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, AS, 2005.

_____. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MESQUITA, Rui. Currículo e ação educativa emancipatória: implicações políticas e epistemológicas. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 351-359, set./dez., 2011.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and literature**. New York: Oxford University Press, 1977.